

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RECONSTITUINDO UMA EXPERIÊNCIA

Nelcida Maria Cearon

UNEB

RESUMO:

Este texto pretende registrar a história do Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos – PRAJA, sua origem, fundamentação teórica, metodologia de trabalho e ações desenvolvidas em Teixeira de Freitas e em outras cidades da região do extremo sul da Bahia. O texto traz depoimentos de alfabetizandos, expressão do que significou para eles a passagem pelo Projeto de Alfabetização. Discute a formação dos educadores que atuaram como alfabetizadores, os resultados obtidos do início do PRAJA ao ano de 2002 e os desafios que se apresentaram na trajetória histórica do Projeto.

Palavras-chave: alfabetização de adultos, movimentos sociais, universidade.

ABSTRACT

This text intends to make a register about the history of the Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos - PRAJA, its origin, theoretical basis, methodologies of work and actions developed in Teixeira de Freitas and in other cities of the region of the Far South of Bahia. The text has declarations of students, who are learning to read and write, expressing their feelings for the meaning of taking part in the Projeto de Alfabetização. It is a discussion about the formation of educators, who acted as teachers of reading and writing, results from the beginning of PRAJA to the year of 2002 and challenges that existed in the historical way of the project.

Keywords: education, social movements, university.

Um pouco da história

Ninguém é analfabeto por eleição, mas como consequência das condições objetivas em que se encontra.

Paulo Freire

O Censo demográfico de 1980 demonstrou que a população acima de 10 anos de idade do Município de Alcobaça (incluído o povoado de Teixeira de Freitas), era de 33.951 habitantes; destes, 18.631, representando 54% eram analfabetos (IBGE 1980). Em 1991, o índice de analfabetismo do novo município de Teixeira de Freitas continuava alto; dos 63.152 habitantes com mais de 10 anos, 19.775 não sabiam ler nem escrever, representando 31,31% da população.

A Diocese de Caravelas, Bahia, já com sede na cidade de Teixeira de Freitas, realizou, em julho de 1987, a Assembléia Anual. Este era o momento em que a Igreja Católica Regional reunia os representantes das Comunidades Eclesiais de Base. Eram homens, mulheres, geralmente com pouca escolaridade, mas que desempenhavam serviços na comunidade, tais como coordenar grupos de estudos bíblicos, animadores dos cultos, catequistas, entre outros. Participavam também destas assembleias os Coordenadores das Pastorais, pastoral do índio, da terra, da saúde, da família, dos pescadores. Juntamente com o Bispo e o Clero, os participantes avaliavam o trabalho religioso e social da Diocese e realizavam estudos de aprofundamento da fé cristã e das suas implicações práticas na vida das pessoas e das comunidades.

A Assembléia Diocesana era o espaço de discussão das dificuldades encontradas no trabalho de formação e organização do povo oprimido (trabalhadores rurais, assalariados, desempregados) bem como das possíveis propostas e soluções, resultando assim o plano diocesano de ação.

Dentre as dificuldades apontadas pelos participantes da Assembléia de 1987, o analfabetismo aparece como problema comum a todos os que desenvolvem trabalhos de formação religiosa ou social juntos às CEBs. Como na periferia das cidades vivem os migrados, ou melhor, os expulsos da zona rural, é fácil entender que lá o analfabetismo se agravava.

As sínteses das discussões feitas, bem como as decisões tomadas enquanto objetivos e prioridades assumidas para os trabalhos pastorais e sociais eram registrados em um documento, denominado de relatório final. Assim, no relatório de 1987, encontram-se explicitadas as prioridades de ação para toda a Diocese de Caravelas – Teixeira de Freitas¹, para o ano em curso. Dentre elas destacamos: “Continuar com as comissões diocesanas dando atenção à pastoral dos jovens e *criar a comissão de alfabetização de adultos*” (ASSEMBLÉIA DIOCESANA, 1987).

Neste mesmo documento, encontramos também a determinação dos meios e atividades para a efetivação das prioridades estabelecidas, sendo que o “*promover cursos de preparação de alfabetizadores de adultos, dentro da linha das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs*”, foi um dos meios assumidos conjuntamente pela igreja local, neste ano. “*A alfabetização de adultos é muito importante, pois a maioria da população de nossa região é analfabeta*”, diz o documento.

O surgimento do PRAJA²

O apelo estava lançado. Era necessário montar um Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos, na “linha das CEBs”, isto é, uma alfabetização que promovesse os mesmos valores das CEBs: a valorização das diferentes culturas, da solidariedade, da participação nas decisões coletivas e a defesa dos direitos humanos.

Com a finalidade de dar corpo a esta proposta, foi formada uma Comissão de Educação para Alfabetização de Adultos composta pela professora Nelcida Maria Cearon, professora da Faculdade de Educação de Teixeira de Freitas (FETF); Maria Soares de França e Verônica Lind, ambas pertencentes ao “grupo das mulheres”³. O casal José Alberto Ranciarro e Elizete Lopes de Oliveira (Zé e Baiana) hoje, coordenadores do Espaço Cultural da Paz, em Teixeira de Freitas, BA, também participaram durante os primeiros anos do Programa. Várias reuniões foram realizadas para viabilizar a alfabetização de jovens e adultos. Quem seriam os monitores? “Este foi o primeiro problema a ser enfrentado uma vez que, ao menos inicialmente, o trabalho deveria ser voluntário” diz dona Maria Soares, uma das integrantes da Comissão de Educação. O caminho encontrado foi discutir a questão junto aos coordenadores das CEBs e dirigentes sindicais. Com eles decidiu-se por convidar jovens estudantes, mulheres e homens do próprio bairro ou comunidade aonde seria desenvolvida a alfabetização. Ainda, segundo depoimento de Maria Soares de França, os critérios definidos pela comissão, para escolha dos monitores foram:

- a) escolaridade suficiente que permitisse a atividade docente (não necessariamente ter o curso de Magistério ou Ensino Médio);
- b) experiência com trabalhos sociais;
- c) capacidade de trabalhar em grupo, ser pessoa de diálogo;
- d) saber ouvir e ser respeitosa com as pessoas analfabetas.

Em março de 1988, realizou-se o primeiro Curso de Formação para alfabetizadores de adultos, ministrado por Luiz Gonzaga Gonçalves e Germana Alves de Menezes, integrantes da equipe de Educação Popular e de Adultos de Remanso – Diocese de Juazeiro, Bahia. Nesse encontro, estudou-se a proposta educativa de Paulo Freire. Na diocese de Juazeiro já havia um projeto de alfabetização de adultos em andamento e, portanto, a experiência deles poderia iluminar os primeiros passos do Projeto que estava iniciando. O texto manuscrito *Treinamento de Alfabetização de Adultos - Método Paulo Freire*⁴ registra as atividades realizadas neste curso e a síntese da avaliação escrita dos 30 (trinta) participantes do 1º Encontro de Formação de Alfabetizadores de Teixeira de Freitas, BA.

A Comissão de Educação já mencionada, junto aos monitores que participaram do primeiro curso de formação, delineou o Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos, o PRAJA, em 1988. Esta sigla representa as iniciais do Projeto, mas, sobretudo, o sentido conotativo da palavra aludindo a uma ação imediata e urgente.

No Projeto já fica claro a quem ele se destina: “queremos atingir, de maneira prioritária, os trabalhadores ”bóias frias”, mulheres e jovens dos bairros e povoados pobres de nossa diocese”. Este mesmo documento estabelece os objetivos do Projeto:

- a) proporcionar oportunidade para a aprendizagem da leitura e da escrita a adultos não

- alfabetizados;
- b) desenvolver um trabalho de conscientização sobre os direitos da pessoa humana e descobrir os instrumentos de defesa dos mesmos;
 - c) incentivar a organização do povo em associações de moradores, sindicatos ou outros movimentos, tendo em vista a mudança desta sociedade injusta em que vivemos;
 - d) descobrir a importância dos trabalhadores na sociedade e incentivar a participação dos mesmos na vida social e política.

O documento citado define também que o trabalho educativo será norteado pela concepção de educação e metodologia de Paulo Freire. Os “temas geradores”, levantados a partir da realidade de vida e de trabalho dos alfabetizados se constituirá em material de trabalho nos “Círculos de Cultura”⁵. O aprender ler e escrever não se reduz a uma atividade mecânica de codificar e decodificar palavras; é um instrumento para o alfabetizando se apropriar das informações e ter maior participação na sociedade moderna.

Como formar os grupos de alfabetização? Por onde começar? Estas foram algumas das questões iniciais a serem discutidas e definidas pela coordenação juntamente com os monitores que aceitaram assumir o trabalho de alfabetização. No documento: Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos - Avaliação do ano de 1988, no ítem: processo de implantação dos Círculos de Cultura, lê-se: “*Todos os grupos foram formados a partir de visitas do monitor às famílias, convites pessoais e anúncios nas igrejas e/ou locais de reunião do povo.*” As igrejas, escolas públicas municipais, estaduais, salas de sindicatos e a casa dos próprios monitores, constituíram os espaços para o funcionamento dos grupos de alfabetização. Donas de casa, lavadeiras, garis, trabalhadores rurais, da construção civil, feirantes, faxineiras, bóias-frias, vigias, carroceiros, costureiras e desempregados fizeram parte dos primeiros Círculos de Cultura. Assim, o PRAJA iniciou-se com 20 grupos de alfabetização⁶ localizados nos municípios de Teixeira de Freitas, Medeiros Neto, Itanhém, Caravelas e Eunápolis (Fotos 1 e 2).



Fotos 1 e 2: Grupos de Alfabetização

Em seus primeiros anos, o PRAJA manteve grupos de alfabetização em duas aldeias indígenas da tribo Pataxó Hã-Hã-Hai, Corumbauzinho e Águas Belas, ambas no município de Prado, BA (Foto 3). Atualmente o grupo de alfabetização está localizado na Aldeia do Trevo do Parque Monte Pascoal, município de Itamaraju, BA. O monitor Miguel Bispo Vieira participa também dos cursos de formação de professores indígenas, desenvolvendo um trabalho educativo de alfabetização/educação na perspectiva da

valorização dos costumes, da língua e da cultura desta etnia.

O número de grupos de alfabetização varia a cada ano, a depender da quantidade de monitores disponíveis e com condições necessárias para assumirem o trabalho de alfabetização de jovens e adultos.



Foto 3: Grupo de Alfabetização na aldeia indígena, Corumbauzinho, Prado, BA.

O dia-a-dia do Projeto: a prática pedagógica

Segundo a concepção teórico-metodológica do educador Paulo Freire, o processo de alfabetização, o ler e o escrever com autonomia e qualidade devem estar fundamentados no chão da realidade do educando, pois é neste chão que ele extrai seus significados e constrói sua compreensão de mundo. Surge então a necessidade de o educador ter consciência e conhecimento dessa realidade. No dizer de Paulo Freire, “*a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela*” (FREIRE, 1983, p. 22).

Nesse sentido, favorecer ao alfabetizando as condições para que esse desenvolva a capacidade de ler criticamente a realidade não pode ser fruto de uma prática educativa imposta. Por isto, os primeiros encontros dos monitores com os alfabetizandos visavam estabelecer um clima de confiança e de diálogo, facilitando o mútuo conhecimento. Deste bate-papo inicial quando cada membro do grupo se apresentava, falando um pouco de sua história de vida e de trabalho, os monitores registravam as palavras e expressões significativas para os alfabetizandos, isto é, palavras e expressões de interesse do grupo que suscitassem discussões. Realizada esta investigação sobre o “universo vocabular”⁷, os monitores em conjunto planejavam o trabalho de alfabetização.

Para Freire (1974), na seleção das palavras geradoras, dois elementos eram levados em conta. O primeiro diz respeito ao “sentido do tema” para o grupo, isto é, a palavra-chave ou palavra-tema devia ser geradora de discussão, contribuindo para o amplo processo de formação dos alfabetizandos. O segundo, volta-se para a característica fonética da palavra, levando em consideração o conhecimento do grupo, as dificuldades fonéticas que deveriam aparecer aos poucos. Assim, na palavra LUTA, por exemplo, os sons das letras e sílabas são claras e simples, diferente da palavra PLANTA, cujas dificuldades fonéticas são maiores.

Uma palavra-geradora podia ser tema de duas, três ou quatro aulas. Isto ficava a critério do monitor que avaliava o que era mais adequado estudar a partir da

palavra.

A discussão realizada sobre o tema a ser estudado era o ponto de partida do processo educativo, pois o alfabetizando, estimulado a falar, a trocar idéias, expressava seu ponto de vista, sua visão de mundo e, ao mesmo tempo, ouvia a opinião dos outros. Este debate possibilitava o aprofundamento da “leitura de mundo”⁸ dos participantes do Círculo de Leitura.

Feita a discussão, a palavra era decodificada para o conhecimento das sílabas que a compõem e das famílias silábicas de cada uma – formação de novas palavras, de frases e pequenos textos coletivos.

Nos dois primeiros anos do Projeto (1988; 1989) cada grupo trabalhava a partir de palavras-geradoras próprias e no final do ano construiu-se um material-síntese das atividades desenvolvidas durante o processo de alfabetização. Em 1990, conforme consta do documento: PRAJA - Avaliação em 12/12/1989, os monitores decidiram trabalhar com as mesmas “palavras geradoras” em todos os grupos “por considerar que o universo vocabular era regional”.

Assim, as palavras-geradoras escolhidas, por serem comuns a todos os grupos, foram: VIDA, LUTA, FOME, POVO, COMIDA, PANELA, MATA, FAVELA, POLÍTICA, SAÚDE, ROÇA, GOVERNO, TRABALHO, ÍNDIO, PEQUENO, CONSCIÊNCIA, TRANSFORMAÇÃO.

Duas produções coletivas dos monitores e alfabetizandos intituladas: **A Cartilha do Ler a Vida I**, de 1990, registra estas palavras-geradoras, com algumas das atividades de leitura e escrita desenvolvidas nos Círculos de Cultura. **A Cartilha do Ler a Vida II**, de 1990, é uma coletânea de textos produzidos pelos alfabetizandos de forma conjunta, a partir dos temas-geradores. Inicialmente, o monitor incentivava a discussão, desenvolvendo a oralidade dos alfabetizandos para, em seguida, registrar por escrito, as idéias surgidas na discussão. Este material foi utilizado nos grupos de alfabetização ou de pós-alfabetização (durante alguns anos) não na modalidade de “cartilha”, mas como apoio às atividades de escrita e de leitura.

É importante notificar que o PRAJA não seguiu um único método durante sua trajetória. As avaliações realizadas nos encontros periódicos dos monitores e coordenadores do Projeto exigiam uma contínua reconstrução do “o quê” e do “como” ensinar, para que o alfabetizando se tornasse um leitor e um escritor e não apenas um decodificador de palavras (FREIRE, 1983).

Nos relatórios anuais do PRAJA, encontram-se depoimentos de alfabetizandos demonstrando satisfação por saberem assinar o nome: “*quando fui assinar os documentos, dando autorização prá minha filha se casar, passaram a esponja prá molhar do dedão; aí eu disse: não, me passe a caneta e assinei, calma, o meu nome. Todos se admiraram [...]*” (D. Valdeci). Outros, por saberem o destino dos ônibus, ler as placas na cidade; “*antes eu só sabia o que tinha na minha rua se os outros me dissessem, hoje já sei por mim mesmo, sei ler*”. (Ednaldo). Assinar o nome, aprender as placas dos ônibus, eram os objetivos primeiros de todos os alfabetizandos, revelados nas conversas informais nos ciclos de cultura.

Assim, na tentativa de atender às aspirações dos alfabetizandos, a partir de 1997, o nome dos alunos, de seus familiares, da rua onde moram, como também bilhetes, cartas e outros documentos pessoais se constituíram em instrumentos de leitura e escrita para os Círculos de cultura.

O PRAJA não tem uma “relação” de conteúdos pré-determinada. No início

das atividades, cada monitor realiza um diagnóstico da realidade escolar dos alfabetizando no que se refere à escrita, à leitura e à matemática. A partir destes dados, os monitores, juntamente com a coordenação do Projeto, montam o programa a ser trabalhado no grupo.

Entendida a Educação como um “ato de liberdade, um ato coletivo” (FREIRE, 1983), ela se faz por meio do diálogo numa situação de respeito mútuo entre alfabetizador e alfabetizando uma vez que possuem saberes diferentes, mas complementares. Para o Programa, a educação que serve ao adulto analfabeto não é aquela que lhe ensina apenas a ler palavras ou frases de forma mecânica, mas aquela que lhe permite entender o que se lê e escrever o que se entende; uma educação que contribua para a formação de homens e mulheres capazes de análise crítica da realidade socioeconômica da maioria dos trabalhadores.

Nesse sentido, várias atividades são realizadas nos Círculos de Cultura, tais como palestras que abordam temas de interesse dos participantes, isto é, temas que os alfabetizando solicitavam maiores esclarecimentos ou que eram assunto de interesse coletivo, por exemplo: a questão da aposentadoria, direitos trabalhistas, eleições presidenciais, valor do voto, saúde preventiva, entre outros. As festas populares e/ou religiosas, como São João, Santo Antônio, Natal eram os momentos em que se realizavam (e ainda se realiza, mas com menos frequência) os “encontros”, reunindo os alfabetizando dos diversos grupos. Estes são momentos de confraternização e reavivamento da cultura popular, onde são lembradas as cantigas de roda, as brincadeiras e as músicas que ainda “povoavam” a memória dos jovens e adultos (Foto 4). Tais ocasiões, se constituem também oportunidades em que os alfabetizando expõem seus trabalhos: produção de textos, cartazes, painéis, fotos, canções, como expressão de suas aprendizagens. Com muita curiosidade, tudo é observado, lido, comentado, comparado, provocando risos, expressões de admiração, alegria e contentamento (Foto 5). O tradicional forró de São João, com suas comidas típicas, é outro momento cultural, comemorado pelos grupos. O Dia da Consciência Negra, o Dia do Índio, Dia do Trabalho, da Mulher, o Dia da Independência, são datas/acontecimentos trabalhados nos grupos de alfabetização com leituras, discussões, construção de textos e dramatizações sobre o tema. Os alfabetizando participam de eventos sociopolítico-culturais organizados pela comunidade local, como por exemplo, na caminhada “do grito dos excluídos” (Foto 6) realizada em sete de setembro. Outra ação dos participantes do Programa, em 1998, foi um levantamento do número de crianças em idade escolar que estavam fora da escola, realizado no bairro onde moravam. O documento foi entregue à Secretaria Municipal de Educação de Teixeira de Freitas com o objetivo de solicitar à Administração Pública mais escolas nos bairros periféricos da cidade. Em 1999, os grupos de alfabetização do Bairro da Liberdade realizaram um abaixo-assinado reivindicando, mais uma vez, escola, luz, água e segurança para o bairro, pois, segundo depoimento dos próprios educandos “o bairro estava esquecido de todos; não se tinha segurança de andar nas ruas à noite, tinha medo até de sair para estudar” (Dona Cidinha - PRAJA, 1991/1999).



Foto 4: Momento cultural dos grupos do PRAJÁ

Foto 5: Encontro de socialização dos lfbetizandos do PRAJÁ



Foto 6: Participação na Caminhada do “Grito dos Excluídos” – 07/09/1997

A formação dos Educadores

Entende-se a formação como um processo que ajuda o educador a refletir sua prática por meio da troca de experiências com os pares, da interação com os educandos e da relação com a teoria, a fim de rever e aprofundar as bases epistemológicas de sustentação de sua ação educativa e construir soluções para os problemas enfrentados no processo (TORRES, 1997).

Nos primeiros anos de atuação do PRAJA, aos educadores não era exigida a qualificação formal, isto é, ter concluído o Curso de Magistério para atuar no Programa. Considerava-se a experiência de trabalho com grupos populares, o critério de maior importância para o momento. O quadro abaixo traduz a situação escolar dos monitores que atuaram no PRAJA no período de 1988 a 2003.

Escolaridade dos monitores do PRAJA – 1988 a 2003

Ano	Ensino Fundamental		Ensino Médio		Ensino Superior	
	Incompleto	Completo	Incompleto	Completo	Incompleto	Completo
1988 a 1996	20%	50%	10%	20%	–	–
1997 a 2000	–	6,8%	13,7%	79,5%	–	–
2001 a 2002	–	–	–	100%	–	–
2003	–	–	–	60%	–	40%

Fonte: Relatório do Programa – 2000 e 2003.

Nota-se que a partir de 1997, a maioria dos monitores/educadores do PRAJA está no Ensino Médio, e em 2003 há monitores com o curso superior completo na proporção de 40%. Os anos de experiência permitiram aos coordenadores do Projeto o entendimento de que não é suficiente ter boa vontade, paciência e espírito missionário para ser alfabetizador. A diversidade de situações encontradas em um grupo de adultos requer dos educadores competência político-pedagógica.

No entanto, sabe-se que esta competência é adquirida, não apenas por meio de cursos de graduação ou encontros de capacitação, mas, sobretudo, com a avaliação constante da prática do dia-a-dia junto aos alfabetizandos. Segundo José Carlos e Vera Barreto (1990), o objetivo da formação é melhorar a qualidade da intervenção do educador, não apenas o seu discurso. Lembram ainda os autores que a formação não antecede a ação e que não há separação entre teoria e prática. O professor educador de EJA se constitui na prática, por meio dos saberes que produzem e exercitam na relação com seus alunos e a partir dos desafios a que são levados a enfrentar e a responder.

Segundo Alves (2002), a formação de professores se dá em múltiplos “espaçostempos” sendo a docência apenas uma das esferas da intrincada rede de relações em que a formação se dá, no âmbito da prática social mais ampla.

Neste sentido, o Programa registra momentos pontuais de cursos de formação, mas também garante espaço para que as questões, dúvidas, dificuldades surgidas durante o processo de alfabetização sejam discutidas, aprofundadas a partir da troca de experiências entre os monitores e do aprofundamento teórico-metodológico de temas relacionados à EJA:

a) Cursos de formação: momento importante da formação – mas não o único, oferecido, geralmente no início de cada ano ou quando novos monitores ingressavam no Programa. É o espaço e o tempo em que os monitores e a coordenação aprofundam concepções de educação, alfabetização, mundo, sociedade, homem;

b) Encontros de avaliação e planejamento: A prática tem demonstrado que a análise constante sobre o “quê e como” fazemos educação, confrontando com os objetivos propostos e com os resultados obtidos, tem sido a melhor maneira de formar educadores autônomos, capazes de redimensionar e recriar constantemente a ação educativa. Neste sentido, o PRAJA reserva um momento a cada semana ou quinzena, de acordo com as condições efetivas dos monitores e da coordenação, para trocar experiências, avaliar e re-programar o trabalho junto aos jovens e adultos. Esses encontros têm servido também para a discussão de acontecimentos políticos e econômicos do país e do mundo, como por exemplo: eleições, a questão do desemprego, da moradia, da inflação, dívida interna e externa do país, entre outros. Estes assuntos são temas de discussão nos grupos de alfabetização, exigindo dos monitores preparação e atualização constantes. Confecção de material didático: fichas, jogos, cartazes, panfletos, pesquisa em livros, revistas também são atividades coletivas, desenvolvidas ou “pensadas” na reunião dos monitores com a coordenação.

c) Seminário anual de avaliação do PRAJA: Atividade realizada no final de cada ano, reunindo alfabetizandos, monitores e representantes da comunidade local (geralmente coordenadores das CEBs, de sindicatos, movimentos populares) para avaliar o Programa como um todo, suas dificuldades, resultados e perspectivas de continuidade.

Pode-se afirmar, por alguns depoimentos dos monitores registrados na Avaliação de 1989, que a própria “ação educativa” se constituiu em oportunidade de

formação, provocando mudanças no comportamento, na maneira de ser, de enxergar e de tratar o educando. Ao relatar o que mudou em sua vida depois que assumiu ser alfabetizadora no PRAJA, Claudete Silotti afirmou:

Senti-me mais humana, fiquei mais firme nas minhas decisões, descobri que a alfabetização é possível a partir da realidade de vida; esse método respeita o que cada um é; aprendi a ser uma pessoa mais alegre e comunicativa. Eu era tímida, não ousava expor minhas idéias em público, hoje eu faço isto; aprendi a ter mais respeito pelo alfabetizando, ele é uma pessoa de sabedoria, só não sabe ler e escrever.

Entidades de apoio ao PRAJA

Durante os anos de 1990 a 1993, o PRAJA recebeu apoio financeiro da Congregação dos Religiosos do Brasil (CRB)⁹, correspondente a uma ajuda de custo aos monitores, no valor de um salário mínimo da época, como também ajuda para a aquisição de material didático.

No período de 1994 e 1995, o PRAJA esteve vinculado ao Coletivo de Alfabetizadores Populares da Região Cacaueira (CAPOREC), sediada em Itabuna (BA). O apoio referia-se a curso de formação para monitores. Assim, os monitores do PRAJA, neste período, participavam dos cursos de formação e de seminários organizados e ministrados pelo CAPOREC. No documento Relatório e Planejamento do CAPOREC (1994), o PRAJA está incluído no calendário de capacitação deste Coletivo de Alfabetizadores.

O Centro de Defesa dos Direitos Humanos do extremo sul da Bahia, como entidade legalizada, representou o Programa PRAJA, junto ao Movimento de Educação de Base (MEB). Tendo sido aprovado pelo MEB, o Programa recebeu, no período de 1996 a 1999, ajuda de custo para os monitores e para o coordenador pedagógico.

Os Sindicatos, Associação de Moradores dos Bairros Bela Vista e Monte Castelo, em Teixeira de Freitas, a Igreja Católica e as Escolas públicas têm apoiado o PRAJA, oferecendo o espaço físico para o funcionamento dos grupos de alfabetização. O Programa aqui descrito se constitui em uma experiência de alfabetização e educação de adultos que nasceu e se desenvolveu em parceria com os movimentos sociais, grupos de igreja, associações de moradores de bairros.

Desde a sua origem, em 1988, o Programa está na relação das "ações extensivas" do então Núcleo de Ensino Superior de Teixeira de Freitas, assumindo este a tarefa da formação inicial e continuada dos monitores, bem como a assessoria pedagógica aos grupos de alfabetização. A partir de 1993, O PRAJA passa a ser um Projeto de Extensão do Campus X e, como tal, entra no Plano Operativo Financeiro do Campus X, que assume inclusive a ajuda de custo aos educadores, de acordo com o Relatório de Ações do Campus X, no período de 1989 a 1993 e com o Plano Operativo do Campus X, de 1993).

Alguns resultados do Programa

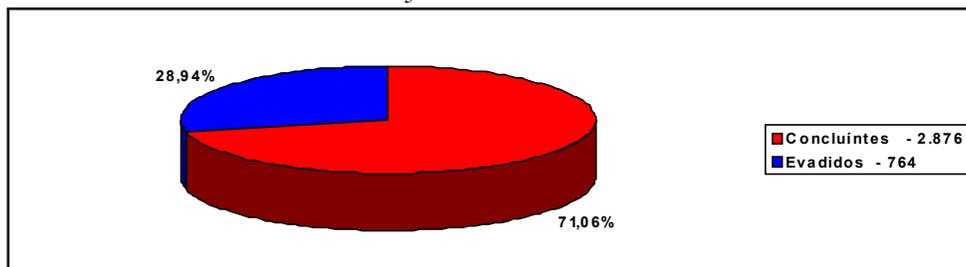
Em 17 anos, o PRAJA atingiu os seguintes números, em termos de alcance

social¹⁰, como demonstra a Tabela a seguir:

Período	Nº de grupos	Alfabetizandos inscritos	Concluintes do Programa	Evadidos	Municípios envolvidos
1988 a 2005	172	2745	2876	764	Teixeira de Freitas, Caravelas, Alcobaça, Medeiros Neto, Itanhém, Eunápolis

Fonte: Relatórios do PRAJA – 1998/1999/2000/2003/2005.

Gráfico conclusão/evasão no PRAJA



A evasão tem sido uma realidade constante, representando 28,94% do total dos inscritos. O cansaço do dia de trabalho, problemas de saúde, principalmente da visão, mudança de residência, desânimo diante das dificuldades em aprender são as causas apresentadas pelos que desistiram. São considerados evadidos os alunos que abandonaram o Projeto antes de completar um ano de atividade.

No item, “concluintes” estão incluídos os educandos que, com um ou dois anos¹¹, de acordo com a situação pessoal conseguiram avanços na leitura e na escrita, mesmo que lendo apenas pequenos textos. Alguns destes concluintes, principalmente os mais jovens, continuaram a escolarização ingressaram na escola pública. Não há nenhum estudo sobre o destino destes jovens ou adultos, mas, informalmente, sabe-se que alguns concluíram o Ensino Fundamental e outros o Ensino Médio.

Novos rumos, novos desafios

Em 2001, a coordenação do PRAJA atendendo à solicitação dos próprios monitores do Programa, organizou e ministrou um curso de formação para professores/alfabetizadores de Jovens e Adultos, intitulado: *Repensando a Prática – Buscando Alternativas*, com carga horária de 90 horas, ministrado em três módulos. Dele participaram monitores do PRAJA, da Pastoral da Criança e do PRONERA. Foi um momento de intercomunicação e de troca de experiências na educação com adultos; ao mesmo tempo representou uma busca de definições para novas ações que dessem conta de atender aos anseios dos educadores de EJA, participantes do Curso, tais como:

- ter um espaço de estudo/análise sobre o analfabetismo e sobre as políticas de EJA do Município, do Estado e da União;
- avaliar e acompanhar as iniciativas de alfabetização de adultos existentes na região;
- articular e divulgar as experiências nesta área somando-as às existentes no Estado e no

- País;
- d) aprofundar temas relacionados a EJA;
 - e) propor uma política efetiva e permanente de educação de adultos para a região.

Assim, nos dias 10 e 11 de novembro de 2001, foi criado o *Fórum Permanente de EJA da Região do Extremo Sul da Bahia*, com sede em Teixeira de Freitas. Nesse primeiro encontro participaram Alfabetizadores de Adultos da região (PRAJA, PRONERA, Pastoral da Criança), representantes de associação de moradores dos bairros Bela Vista, Liberdade, Nova América, Caminho do Mar, estudantes do Campus X da UNEB, da Secretaria Municipal de Educação de Teixeira de Freitas e Nova Viçosa.

O Fórum de EJA (em seu VI Encontro) se constitui em um espaço de adesão. O convite é aberto aos educadores de jovens e adultos, às ONG's e aos Órgãos Públicos com atividades educativas no âmbito de jovens e adultos na região do extremo sul da Bahia e a quem interessar discutir as políticas e as práticas em EJA.

Assim, nos últimos anos o PRAJA vem assumindo a formação e o acompanhamento aos professores/educadores dos Programas Nacionais de alfabetização, como o Brasil Alfabetizado e Alfabetização Solidária. Atende também às solicitações de Prefeituras da região. Em 2004 e 2005 o PRAJA contribuiu com a Formação de educadores de EJA, na região do Vale do Jequitinhonha, MG.

Uma pesquisa realizada junto aos educandos (CEARON, 2004) revela que, para alguns entrevistados, a passagem pelo grupo do PRAJA representou uma “vivência entre amigos”, pois lá havia partilha do que levavam para comer, muita alegria de estar juntos, animação, relação de ajuda entre alunos e destes com o monitor (a). O fato de serem lembrados e homenageados por ocasião do aniversário ficou na lembrança como algo bom. Vejamos o depoimento de dona Maria da Purificação, aluna do PRAJA em 1993:

[...] aqui nós é como uma família reunida... um dia um levava um café, outro dia outro levava um chá, ou um biscoito, e todos comiam...aquilo era a maior animação pra nós... eu gostava muito daquela escola...Tinha uns que eram mais adiantados, esse desenvolvia rápido e ia ajudar os outros mais fracos... Quando chegava a ocasião que alguém completava anos, se não podia levar bolo, mas nós cantava o aniversário dele. Dona Nicinha, a monitora, ficou alegre chorou porque... ela falou que nem a mãe dela, nem as filhas tinha lembrado do aniversário dela e nós lembramos (2004, p. 92).

Interrogada sobre o que melhorou em sua vida depois da alfabetização, dona Nelita, aluna do PRAJA em 1999, respondeu que, a partir das discussões que ocorriam nos grupos aprendeu a se expressar melhor, expondo, sem medo, sua opinião “A gente aprendeu até conversar lá no grupo; a gente conversava sobre muitos assuntos [...] assim perdi a timidez e desenvolvi mais [...]” (CEARON, 2004, p. 96).

Não podemos negar a contribuição significativa de programas desta natureza no processo de minimização das desigualdades sociais. No entanto, acreditamos que a educação de jovens e adultos não deve ser pensada dentro de programas aligeirados, mas refletida como uma modalidade de ensino que merece ser elevada à condição de política pública.

Conclui-se que é preciso ampliar o compromisso e a responsabilidade no contexto nacional com àqueles(as) que se mantiveram à margem da escolaridade, como conseqüência de uma política social, econômica e educacional injusta.

Notas

- 1 Denomina-se assim desde a transferência da Diocese da cidade de Caravelas para Teixeira de Freitas.
- 2 Inicialmente o PRAJA denominava-se de Projeto; a partir de 1993 passou a chamar-se de Programa.
- 3 Segundo o Relatório da Assembléia Diocesana de 1987, o Grupo das Mulheres, era formado por mulheres de diversos bairros de Teixeira de Freitas que lutavam por melhorias, como por exemplo, por mais escolas para seus filhos.
- 4 Este documento encontra-se nos arquivos do PRAJA, Campus X/UNEB em Teixeira de Freitas, BA
- 5 Círculo de Cultura era a denominação dada aos grupos de alfabetização, conforme Paulo Freire.
- 6 Alfabetizadores dos primeiros anos do PRAJA: Maria Soares de França, Janete Lopes de Souza, Eliana Caliarí, Luzeni Ferraz de Oliveira, Dadai, Ir. Ceverina, Antônio, Ivanilda, Geni, Tereza, Romilson, Elsa, Ir. Clélia, Helena Santana, Isabel, Teresinha, Maria Alves, Claudete Silotti, Rosalva, Meireane.
- 7 Expressão usada por Paulo Freire no livro *Pedagogia do Oprimido*.
- 8 Concepção de leitura em Paulo Freire.
- 9 Entidade Religiosa de apoio a projetos sociais e educacionais.
- 10 Fonte: Relatórios do PRAJA – 1998/1999/2000/2003/2005.
- 11 No Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos, o primeiro ano trabalha-se a alfabetização e o segundo ano, o aperfeiçoamento da leitura e da escrita.

Recebido e aprovado para publicação em Outubro de 2007.

Referências

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.
- ALVES, Nilda. A experiência da diversidade no cotidiano e suas conseqüências na formação de professores. In: CASTELLANO, Solange, (Org). *Cultura e conhecimento de professores*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- CEARON, Nelcida Maria. *Programa de alfabetização de jovens e adultos – PRAJA: visão do aluno*. Dissertação de Mestrado, PUC, SP, 2004.
- Universidade do Estado da Bahia-UNEB - Departamento de Educação/Campus X: *Relatório do PRAJA, 1989,1990,2001*.
- BARRETO, Vera. Uma Trajetória em educação de jovens e adultos. In: Alfabetização e Cidadania. *Revista de educação de Jovens e Adultos*. São Paulo: RAAAB, n. 16, jul. 2003.
- HADDAD, Sérgio, DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de Jovens e Adultos. In: *Revista Brasileira de Educação*, 2000.
- PRAJA. Relatórios anuais de Atividades. 1988 a 2003
- BOLETINS INFORMATIVOS DA DIOCESE DE CARAVELAS -Teixeira de Freitas.

